

A Constelação Especial

(Júlio B.)

I. A Camisa Azul do Blur

Afinal, depois de tanto me procurar em cores, em timbres, em palavras, em idéias e filosofias, em sentimentos que naufragavam em mim e ao redor, eis que em um sonho me veio a revelação.

No sonho, eu me disse: "quero uma camisa do Blur, uma azul, azul bem chamativo!".

Fui à loja de camisas de banda onde nunca encontrei nada que me agradasse e perguntei se havia camisas do Blur. Pra minha surpresa e coincidência onírica, havia duas. Uma laranjada escrito Blur em azul e uma azul escrito Blur em laranja. A laranjada era até mais bonita, mas a do sonho era azul, não haveria como ser a outra.

Quando dei por mim, em meu guarda-roupa, a camisa azul do Blur já era a minha preferida. E decidi que só a usaria nas ocasiões especiais. As mais especiais. E aquele dia teria de ser especial. Era o sábado em que finalmente eu consumaria o eclipse com o meu astro, a pessoa que me empolgava em todos os aspectos de sua existência, a minha pessoa especial.

Eu vesti a camisa azul do Blur e fui. Independentemente do tamanho do sonho, eu sempre vou. Dessa vez, imagine!, justo dessa vez que era o maior de todos os sonhos, é óbvio que eu iria! Ah, iria. O astro tão radiante...

II. Compositores de Domingo Revisitados

Sistemático e orbital, refiz todo o percurso do sábado anterior. Antes de encontrar o astro, fui ao encontro dos compositores de domingo. Sim, novamente, em um sábado. É uma espécie de ironia cósmica ensaiada. Lá estavam novamente os compositores que tanto me encantam. A timidez inicial já não era tão grande. Os assuntos já não me eram tão alheios. Eu já quase me sentia à vontade diante dessa nova constelação.

E uma estrela diferente brilhou para mim naquele sábado.

Quando até mesmo o assunto mais bobo parece interessante entre duas pessoas, é porque há alguma sintonia adicional, não acha? Imagine agora os assuntos realmente interessantes? Aquela estrela de alguma forma me fascinava. E nossos brilhos se cruzaram. As pessoas que antes me inibiam, nos momentos em que eu conversava com ela, pareciam invisíveis. E eu me senti bem.

Os compositores, os músicos, os amadores, os catastróficos, toda a vida fez mais sentido naquele sábado. Mas meu telefone tocou. Já era meu astro que me esperava. Era hora de partir. Despedi-me rapidamente de todos, embriagado de empolgação, mas lembrando de pegar o contato da simpática estrela.

III. O Sonho Que Não Foi Só Meu

O astro estava lá. Belo e radiante. Seja como for, ele estava lá, me esperando. Estava sendo um sábado estranho. Estranhamente bom. Nunca fui tanto o centro das atenções das pessoas que me interessavam.

Fomos para a casa da amiga dele, aquela que me arrumou o telefone. Lá, o astro e eu finalmente nos beijamos. Demorou, mas aconteceu. Demorou, mas um dia teria de acontecer. Um beijo bom. Sabor de recompensa. Que poderia ser o resto da minha vida só aquilo, eu não me importaria. Eu queria mais e mais a fundo. E, por um instante, eu afastei um pouco a cabeça para contemplar o rosto iluminado e belo. E apreciei o que vi, o que senti, o que pensei. Eu tive certeza de que poderia dar certo, de que eu poderia ser feliz ao lado dele.

Eu provei minutos de felicidade (em frascos de imaginação).

Ainda na casa da amiga, depois do beijo, ele começou a derrocada do que seria meu sonho. Ele disse que não queria nada sério, que acabara de sair de uma relação, e essas coisas que todo mundo sabe, que todo mundo diz quando não está a fim mas não tem coragem de dizer que não está a fim, que todo mundo sempre me diz.

Doeu. Doeu muito ouvir aquilo. Mas a noite ainda era nossa e ele ainda ficaria comigo. Não seria nada sério, mas seria algo. E algo já é melhor do que nada. E quem sabe eu não era capaz de reverter as resoluções que ele tinha tomado? Quem sabe eu não o fizesse desejar viver o maior amor do mundo ao meu lado? Procurei apoio em esperanças, e enfiei a dor num lugar onde ela não doeria tanto.

E saímos para a noite. O astro precisava dos céus, das lunetas e telescópios apontados para si. Ele precisava de espaço! É que era um astro muito brilhante para um apartamento. E lá fomos nós! Em cada lugar que passávamos, o astro não escondia nem um pouco os seus desejos (assim como eu deveria ter feito em toda a minha vida), mesmo que não por mim.

Chegando ao céu (ou inferno) em que nos conhecemos, não por ironia, mas por sociabilidade, ele me disse que não ficaríamos juntos ali. Sim, ele sentenciou. A minha parte nessa decisão? Não houve. E por que haveria? Uma relação a dois deve ser um consenso. Se uma das partes não quer, está sentenciado.

Com esses olhos calejados que já não estranham mais nada na vida, eu vi o meu belo astro brilhar para outros admiradores naquela noite. Brilho consumado. Doeu. Não tanto assim para eu perder o controle, mas doeu de arrancar lágrimas disfarçadas. O problema de desejar um astro tão luminoso é que sua luz atrai os insetos.

Ele ficou com outros e eu sozinho.

No fim da noite, eu, que já não possuía mais nenhum ânimo, fui convidado pelo astro para dormir na casa da amiga dele, com ele. Convites. Malditos convites! Os convites sempre me seduzem. Não sei dizer não. Porque sou um loser idiota que acredita no poder do sim.

Mas, nesse caso, por mais que eu pense e repense a situação, eu deveria ter aceitado mesmo. Precisava ir até o fim pra ter certeza de que fiz o que estava ao meu alcance. Eu fui. Eu

sempre vou. E nós dormimos juntos sobre a poeira estelar que não deixa rastros, exceto na memória. Ah.

E veio a manhã de domingo. As manhãs também sempre vêm, a despeito das noites e de tudo o que por ventura tenha ou não acontecido nelas. Dentro de mim, eu sentia que nunca mais o veria. Então, em um impulso de sinceridade, perguntei com todas as letras se nos veríamos novamente. Ele, com o sorriso mais puro do mundo, disse que sim. E aqueles olhos...

O que pensar sobre tudo isso? Começou exatamente como no meu sonho. A camisa azul do Blur, o meu astro e eu... e, de repente, para minha decepção e para dessemelhança do sonho, era o meu astro e outros. E o sonho não foi só meu.

IV. A Compositora de Amores Imaginários

Depois de tanto contar a mesma história para os mesmos amigos no MSN, eu finalmente percebi que não conseguia chegar a uma conclusão porque a história ainda não havia acabado. Fui dormir com o peso de uma montanha na cabeça e um vulcão de pensamentos em erupção. Mas fui dormir. Trabalhava na segunda.

Na segunda-feira eu até consegui momentos sem pensar naquela história, enquanto conversava com aquela simpática estrela que conheci na noite de sábado, antes de ir ao mal sucedido encontro. Conversar com ela era realmente um prazer. Alguém com a mesma profundidade, as perguntas levavam às respostas importantes e os assuntos já começavam a ficar interessantes em poucos diálogos. Durante aqueles dias, vivi nessa dualidade, entre a dor da história mal acabada com o astro e o prazer de teclar com a estrela cuja amizade se despontava tão promissora.

A semana foi passando e de repente já era quinta. A minha nova amiga do MSN havia me convidado para ir assistir a uma banda de amigos. E lá fui eu - que não resisto a convites.

E foi nessa quinta-feira que descobri que minha amiga era uma estrela com o brilho que acho mais bonito. Era uma compositora também. Uma compositora de amores imaginários, assim como eu. E uma ótima compositora. E a minha admiração foi até aquele ponto em que não haveria mais volta. Ah, mas que pessoa interessante a minha amiga compositora de amores imaginários! Como ela me entendia bem! Ah, se meu campo gravitacional não me impusesse essa atração por astros...!

Nos dias seguintes, nossas conversas foram se aprofundando, nossas semelhanças aumentando, nossa intimidade se criando, como se fôssemos velhos amigos de infância. Consegui mostrar meu lado que não mostro para todos, a tal profundidade que só se revela de pouco em pouco. E consegui falar também sobre o astro. Havia algo naquela estrela.

V. Os Sábados

Mas aí veio o sábado seguinte. Eu não resisti e fui ao lugar onde eu fatalmente encontraria o astro. Fui lá apenas para vê-lo mesmo, aquele brilho que me entorpece. Desde a noite que

passamos juntos, eu nunca mais havia ligado. Não via mais motivos. Mas a vontade de vê-lo era ardente em mim e eu fui. Eu sempre vou.

E ele estava lá, lindo e radiante, como todo bom astro de grandeza superior, cercado de planetas vivendo de sua luz. E eu também estava lá, sozinho e cabisbaixo, como todo bom loser. Eu não tive coragem de ir cumprimentá-lo. Nem sequer de deixar que ele me visse. Não foi difícil, um loser sabe se esconder. E fui embora assim, à francesa, derrotado pela minha própria covardia. O que restava do meu orgulho jamais permitiria que aquele astro me visse sozinho, triste, sofrendo por ele.

A dor era grande, mas os novos amigos de sábado me faziam companhia em programas que eu gostava, e no MSN havia as conversas com a nova amiga compositora. A dor acabou ficando suspensa em algum limbo de paixões mal-resolvidas.

Mas dor é sempre dor, suspensa ou latente. Ter me acovardado ao vê-lo no último sábado me abalava o ego. Sem ter a quem culpar, culpei o fato de estar sozinho. Sendo assim, no sábado seguinte, convidei uma amiga para me acompanhar ao lugar onde eu sabia que fatalmente o encontraria.

E assim tudo se fez. E nós fomos. Eu sempre vou. E lá estávamos a minha amiga e eu. E lá também estava ele. E houve conversa, apresentações e até beijinhos no rosto. E foi chegar tão próximo dos lábios dele que mexeu demais comigo. O desejo abortado. E, depois disso, não houve mais nada. Houve a dor. Toda a dor - que não viera em sua intensidade máxima até então - vinha agora, nesse quarto encontro com o astro indiferente. Nesse triste sábado.

VI. Não. Eu Não Sou Perfeito

A dor era raiva de mim mesmo. A dor era ter ido lá só para vê-lo, sabendo que nada aconteceria. A dor era ainda alimentar sentimentos por alguém que nunca seria meu. A dor era minha tolice. Eu desejei que alguém me matasse naquele momento. Mas havia uma amiga comigo que, se não me segurou, pelo menos, me ouviu.

A dor também era a solidão novamente exposta como uma velha ferida desgastada. A dor era vê-lo e não tê-lo. A dor era de cotovelo. Era do coração. E fomos embora. Eu sempre vou.

Seguiu-se uma semana de desabafos. Foi quando uma amiga me disse que não sabia o que havia de errado comigo. Por que eu estava sofrendo por alguém que nem ligava pra mim? Alguém que nem estava à minha altura. Eu poderia encontrar alguém que me merecesse. Eu era um cara perfeito!

Não, minha amiga. Não. Eu não sou perfeito. Agradeço as palavras de conforto, de apoio, de incentivo, mas eu não sou perfeito. Se eu fosse, por que estaria sozinho todo esse tempo?

E foi nessa dolorosa e imperceptível virada de sábado para domingo que eu, um utópico confesso, disse pela primeira vez na vida: "I give up". Disse porque sentia a certeza pulsando em meu corpo. Isso significou muito pra mim, um loser sonhador cujos sonhos sempre se basearam em incessantes tentativas sem a possibilidade de desistência.

Era hora de voltar para casa e escrever meus poemas mais depressivos.

VII. Não Mais um Satélite

Eu voltei e escrevi. Escrevi o poema mais loser que eu poderia. E até que fiquei satisfeito por ter conseguido ir tão fundo na minha dor, na representação dela em alguns versos. Eu li e era eu ali, sem vestes, sem máscaras, sem forças.

No outro dia, mandei o link do poema para a minha amiga compositora. E ela respondeu logo em seqüência. E, dessa resposta, a conversa tomou rumos nunca antes tomados por mim. E eu me abri completamente para essa compositora de amores imaginários. Afinal, quem no mundo me entenderia melhor do que ela? Quem melhor do que ela poderia me chamar para sair daquele buraco onde eu me encontrava por causa de um amor que só existiu em minha cabeça?

E eu confiei nela. Ainda confio. E percebi que conhecê-la foi a coisa mais importante que aconteceu nessa história toda. E foi por causa dela que aquele sábado dos meus sonhos, com a camisa azul do Blur, foi especial. Foi por causa dela e não por causa do maldito astro. Ele apenas me serviu para sofrer e escrever o poema que me levaria a convidar a estrela compositora a participar da minha vida. Sim, um convite. Mas esse feito por mim.

E ela aceitou. E um futuro tão interessante brilhou no meu horizonte a partir de então. E todos os compositores agora já não me intimidavam. Os de domingo, e todos daquela constelação especial. Agora, eram amigos.

O astro era só uma lembrança. Talvez ainda dolorosa, mas só uma lembrança. Ele nem existe no mundo o qual integro agora, a constelação mais especial do céu que me interessa.

Desta constelação, vejo corpos celestes mais interessantes intelectualmente, musicalmente, filosoficamente. Vejo minha amiga compositora, tão querida. Vejo possibilidades tão mais promissoras. Vejo e participo. Agora, eu também consigo me mostrar. Não mais um satélite, eu já reconheço a minha luz própria.